

Introdução

Encontramo-nos mergulhados na linguagem. Ela está por toda parte. Somos como peixes, vivemos nela e através dela, como se ela fosse o habitat natural das coisas e de nós mesmos. Existem inúmeras formas de manifestação deste nobre componente da vida.

Em seu uso corriqueiro, costumamos usá-la como moeda de troca em nossas relações sociais. Usamos fórmulas, ou melhor, somos levados a repetir regras de uso para manutenção dos laços sociais ao estabelecermos uma comunicação. A linguagem, neste que é um de seus modos de atualização, é usada como utensílio determinado por um fim preestabelecido.

No entanto, podemos observar que a literatura se apresenta como uma das maneiras mais ilustres de atualização da linguagem, a qual, pelo seu caráter eminentemente inútil, tem como fim ela mesma. Mas esta seria uma inutilidade muito particular à arte, pois, ao invés de dar informações e fundar regras e funcionalidades para a linguagem, ela elabora uma experiência intensa que possibilita o questionamento do mundo e de nós mesmos.

Assim, poderíamos acrescentar que o movimento da escrita literária não tem nenhum fim ou objetivo fundado de antemão; aquilo que a sustenta é a própria questão contida no escrever. O ato de escrever seria o seu fim e o seu meio. Porém, quando o movimento da cultura captura a literatura, as coisas mudam um pouco de figura.

O movimento institucionalizante da cultura apreende, junto ao mercado e a parte da crítica literária, a literatura através de processos de captura que a sistematizam e a unificam no conjunto dos tesouros culturais.

Quando pensamos na experiência literária – seja na escrita ou na leitura – deparamos com um modo de apresentação da linguagem muito diferente daquele adotado em seu uso cotidiano. A criação literária, de um modo geral, produz um fosso profundo entre a palavra e a coisa que ela designa. Muitas vezes acolhemos junto à leitura de uma obra literária uma formação lingüística estranha que nos causa uma emoção, uma sensação que se antecipa à nossa própria compreensão.

Esta espécie de rompimento em relação ao uso comum da linguagem, encontrada na criação literária, aponta a literatura como uma força de resistência às regras lingüísticas, à standartização da língua e aos limites impostos pela própria linguagem e pela cultura.

Quando experienciamos a literatura – tanto na escrita quanto na leitura –, somos levados a nos defrontar com limites lingüísticos, culturais e pessoais. Por este motivo, a literatura nos ensina que o questionamento das convicções, impulsionado pelo encontro com a arte, tem mais valor do que a própria verdade. A literatura se caracterizaria pelo questionamento, pela transgressão dos limites que constituem a sociedade e a nós mesmos.

Assim, podemos afirmar que a literatura não daria importância a uma resignação aos limites impostos pela linguagem. Muito pelo contrário, ela nos mostra que devemos transgredi-los e, neste caso, transgressão é sinônimo de criação. Esta surge sempre entre dois limites. Ela rompe com o tecido tênue que padroniza os modos de ser da linguagem.

Através da literatura, observemos que a subjetividade, na experiência literária, surge como efeito deste movimento basculante que se encontra entre o limite e a transgressão. Indiquemos de antemão as formas relativas a este problema que emergem do contato com a literatura: as figuras do escritor, do autor, do leitor e do crítico. Estas quatro personagens da trama literária distinguem-se fortemente em se tratando das relações observáveis entre a experiência e a literatura.

Assim, poderíamos afirmar que o escritor e o leitor estariam ligados às experiências totais do escrever e do ler, sendo produtos do encontro com a experiência. Enquanto o autor e o crítico se relacionariam com a obra como elementos transcendentais à experiência literária que capturam a literatura, fazendo dela algo muito diferente de sua natureza fugidia.

Nesta trama, as questões concernentes à experiência literária tocam, de um lado, um movimento ligado estritamente à criação, à transgressão, à proliferação discursiva, ao abandono do sujeito frente à experiência literária; e, de outro, um movimento associado à captura, ao aprisionamento, à ordenação, à apropriação cultural do efeito da criação.

Com este breve preâmbulo, gostaríamos de colocar em evidência que nossa preocupação central gira em torno de questões relativas à experiência

literária e à subjetividade nos âmbitos da escrita e da leitura. Salientemos que a presente tese tem como objetivo compreender a especificidade da experiência literária e dos mecanismos de captura que intentam organizar e ordenar o universo dos livros a partir de estereótipos dormentes que não dizem nada sobre a experiência fundamental da literatura.

Para isso, debruçaremos-nos sobre a escrita e a leitura literária, no intuito de esboçarmos um entendimento das quatro figuras ligadas à experiência literária, acima assinaladas. Poderíamos ressaltar, em poucas palavras, que nosso objeto de análise é o entendimento da dinâmica relacional entre a experiência literária, o escritor, o autor, o leitor e o crítico, analisando as tensões no seio da linguagem entre a liberdade e a captura, entre a criação e o automatismo.

Como terreno em que aportamos nossa tese, podemos indicar a que linhagem filosófica o presente exame se filia. Partimos do pressuposto de que a morte de Deus – como acontecimento que deu origem à experiência moderna – suscitou o surgimento de uma nova forma de se relacionar com a escrita, a qual chamaremos, aqui, de literatura, em contraposição às obras de linguagem.

Em que consiste esta afirmação – por sinal, um tanto estranha à idéia comumente tomada para designar os estudos literários – de que a literatura surgiria com a morte de Deus? Como a literatura poderia ser entendida como um fenômeno moderno – tendo sua invenção datada aproximadamente do século XVIII? Não existiria uma literatura romana, grega, entre outras formas de apropriação das línguas em épocas anteriores à *Aufklärung*?

O conceito de literatura em que nos baseamos está ligado principalmente aos questionamentos incisivos formulados por Foucault, Blanchot, Barthes e Deleuze acerca do ser da linguagem, tendo, na literatura, um de seus modos de atualização.

Para o entendimento desta conceituação, devemos de início levar em conta o conceito de *Erfindung* (invenção) nietzscheano, abordado por Foucault em seus estudos sobre a modernidade. Com este conceito, ele compreende a história por um viés não mais calcado em uma busca da origem. A invenção aponta para o fato de que, na trama histórica, a vida se entrelaça com inúmeros fenômenos produzindo eventos. A invenção produz acontecimento. E, no caso específico da literatura, Foucault frisa ser ela um efeito de um tecido histórico muito específico

ligado ao período denominado modernidade. A literatura, neste caso, seria um efeito – na atualização do ser da linguagem – da entrada nos Tempos Modernos.

A literatura – tanto em Foucault, como em Blanchot ou Nietzsche – brota de uma zona de indiscernibilidade. Ela surgiria de um contato com o vazio deixado pelo indizível da morte, pela atração do fora, pelo abismo das palavras ou pelo contato com o X enigmático da coisa em si.

Após a entrada na modernidade, emerge uma forma de lidar com o vazio da morte, caracterizando uma escrita que não pagaria mais tributos a elementos transcendentais à experiência – tais como os que se expressam pelas palavras de Deus ou da Tradição. Esta seria, em poucas palavras, a definição foucaultiana de literatura, ou seja, uma escrita produzida por um encontro radical com o vazio da morte no seio da linguagem.

Para pensar este fato, Foucault distingue duas formas deste encontro com o vazio da morte: as obras de linguagem e a literatura. As primeiras constituiriam um modo de lidar com este vazio, em que aquele que toma da pena no movimento de criação é levado a repetir as palavras da Tradição ou de Deus – palavras transcendentais à experiência da escrita. Estas palavras obliteram a vivência radical do abismo da linguagem. Já a literatura caracterizaria uma forma de escrita em que o seu suposto agente se encontra com o vazio, sem mais ter como alicerce as palavras tradicionais e divinas. Ele se encontra abandonado frente ao papel em branco e, poderíamos acrescentar, frente a si mesmo e à própria linguagem.

Análises como esta, das figuras da escrita, são encontradas ao longo de toda obra de Blanchot. O conceito de fora poderia ser associado a este vazio da linguagem para o qual o sujeito é atraído no movimento da criação. As obras de linguagem são encontradas na escrita em que palavras transcendentais à experiência visam direcioná-la, explicá-la, defini-la ou empobrecê-la. A literatura – ou o espaço literário – seria produto da atração do fora – ou a atração para o vazio abismal da linguagem – sem o uso de modos de obliteração da vivência relativa à radicalidade desta zona de indiscernibilidade da linguagem.

Para ilustrar esta questão, poderíamos tomar como exemplo um conto de Edgar Allan Poe intitulado *A descida de Maelstrom*. Esta história se passa na costa da Noruega. Um guia leva um sujeito para um passeio na montanha Helseggen, de onde contemplam o espetáculo natural proporcionado pela fúria do Redemoinho de Maelstrom, ou, como os noruegueses o chamam, de Moskoe-

Strom. Eles observam os movimentos de calma e de turbilhão do redemoinho, lá do alto da montanha. O velho guia conta várias histórias de baleias, barcos, ursos que supostamente teriam sido sugados pela força fenomenal do redemoinho. Mas é uma história pessoal com relação ao redemoinho que o velho descreverá com mais afinco para, assim, transmitir a sua idéia a respeito do furor deste fenômeno.

Este homem costumava pescar com seus irmãos perto dos redemoinhos. Do perigo e da pescaria farta, retiravam dividendos frutuoso para as suas vidas. Sabiam todos os períodos do dia em que poderiam usufruir a calma e o vento, para voltarem sem problema pelas redondezas do Redemoinho de Moskoe-Strom. No entanto, houve um dia em que o vento e o mar os surpreenderam e os levaram direto ao coração do furioso redemoinho. Eles foram sugados pela força centrípeta de Moskoe-Strom. O velho guia conta que, na descida derradeira para seu possível fim, ocorreu uma mudança subjetiva que o fez atravessar seu medo, tornando-o não mais temeroso em relação à morte, mas sim curioso em relação à força e aos elementos atraídos pelo redemoinho. Ele passa, assim, a ver as coisas por outro viés. Destroços de barcos, troncos de árvores, barris, peças de mobiliário são levadas para um centro indiscernível. Elas passam a ter um sentido diferente, pois não estão mais em suas devidas posições de utensílio – comumente usufruídas no cotidiano. Passam a ser objeto de exploração da força relativa ao centro do Redemoinho. Desta experiência o velho guia sobreviveu e saiu transformado tanto física quanto espiritualmente.

Por que este conto serviria para ilustrar nosso objeto de estudo? Poderíamos ver esta atração do fora – assinalada por Blanchot, por Deleuze e por Foucault – como uma atração de uma força centrípeta muito próxima à do Redemoinho de Maelstrom. Esta zona de indiscernibilidade que atrai os sujeitos no momento de criação literária faz com que eles se encontrem abandonados a si mesmos no movimento da experiência. Eles passam a lidar com as palavras não mais como utensílios comuns, e são atraídos por aquilo que Baudelaire chamou muito propriamente de *abismo das palavras*. Eles e a própria linguagem entram em um movimento de perda de si ao adentrarem o espaço aberto pelo encontro com o fora. Tanto o escritor quanto o leitor são sugados por este redemoinho.

A experiência literária seria um produto deste encontro em que o escritor e o leitor são convidados a entrarem em um espaço de ressonância, onde elementos

subjetivos e de sentido se confrontam com as forças atuantes no espaço aberto pela literatura. Ambos se encontram comprometidos totalmente com a experiência. O espaço literário produz alguns paradoxos, e o principal deles estaria no fato de que ambos, leitor e escritor, doam e recebem sua existência pelo e através do encontro com a obra. Eles não preexistem à obra e tampouco subsistem a ela. Daí esta noção de que a experiência literária – como experiência do fora – seria uma experiência total.

Com isso, podemos previamente salientar que nossa pesquisa terá quatro capítulos.

No primeiro capítulo, ao afirmar que a literatura seria uma manifestação do ser da linguagem, surgida em decorrência da entrada nos Tempos Modernos, analisaremos a especificidade da literatura em contraposição às obras de linguagem. Deste modo, compreenderemos a literatura como uma forma de resistência aos destinos enregelados da linguagem, representados pelo estereótipo, a língua maior, a naturalização da linguagem, a utilidade e a funcionalidade que tanto caracteriza a linguagem do poder.

Esta forma de resistência aos interstícios das regras e das fórmulas linguageiras indica que a literatura seria uma escrita que não serve à dinastia da representação e da utilidade, já que ela seria um ato que tem seu fim no próprio escrever.

Tomaremos, assim, a literatura a partir dos questionamentos de Foucault, Blanchot, Barthes e Deleuze quanto ao seu potencial transgressivo. Afirmaremos que a literatura seria uma trapaça, uma linguagem sem poder, uma sabotagem, um tratamento menor da língua, e o qual indica um movimento de questionamento e de enlouquecimento da linguagem.

No segundo capítulo, partindo da compreensão de que o ser da linguagem aponta para o desaparecimento do sujeito, analisaremos a experiência total do escrever e os mecanismos de captura transcendentais que dela se apoderam, levando em consideração a distinção entre as figuras do autor e do escritor. Para isso, estudaremos a dinâmica do desaparecimento do escritor na experiência de criação literária, contrapondo-o à figura do autor como conceito de amarração discursiva ou índice de delimitação, organização e classificação dos discursos.

Daí, evidenciaremos a tensão entre a natureza fugidia da literatura e os mecanismos de captura, observando os paradoxos da escrita que se estabelecem

entre o escritor e a obra no turbilhão da experiência. Assim, traçaremos uma compreensão que aponta para o desaparecimento do escritor – caracterizado pela dissolução do eu e por uma afirmação impessoal no campo experiencial – e para a força reativa da figura autoral em relação à essência fugidia da literatura, já que o conceito de autor serve para essencializar a obra a partir de categorias como identidade, autoridade, interioridade e intencionalidade, as quais estariam ligadas à invenção do suposto agente da escrita.

São estes os companheiros de pensamento que, neste capítulo, irão nos acompanhar: Foucault, com seus estudos sobre o ser da autoria; Brunn, com suas indagações acerca da mitologia autoral; Barthes, com a questão da morte do autor; Blanchot, com suas reflexões sobre o espaço literário; e Chartier, bem como outros historiadores, por seus ensaios sobre a ordenação do mundo dos livros e a natureza da atividade escrita. E, ainda, tiraremos exemplos dos problemas em questão de indagações de escritores como Gombrowicz, Robbe-Grillet, Manoel de Barros, Proust, Duras, entre outros, sobre a própria atividade de escrita.

Partindo da mesma lógica decorrente das tensões entre a experiência e a captura, analisaremos, nos dois capítulos seguintes, a leitura literária. No entanto, no terceiro capítulo, examinaremos a experiência total do ler, indicando que a leitura literária é uma experiência intensa que se constitui como um espaço imanente de ressonância, em que elementos subjetivos e de sentido, a partir do contato com as forças ativas e reativas do campo experiencial, se entrecrocaram em seu encontro com a linguagem.

Partindo da diferença teórica, levantada por Blanchot, entre a compreensão e o entendimento, em sua tentativa de construir uma imagem precisa do acolhimento leitor, discutiremos a especificidade da leitura literária, que aponta para o acolhimento, a ignorância, a afirmação e a superfície. Apontaremos, assim, os paradoxos da leitura literária, salientando que, na experiência total do ler, ocorre a evanescência do leitor, o dismantelamento da obra e a morte do autor.

Já no quarto capítulo, refletiremos sobre a dialetização dos elementos da experiência leitora, a partir dos processos de interpretação, de unificação, de sistematização e de essencialização da obra literária, indicando que os mecanismos de captura empreendidos pela cultura, pelo mercado e por parte da crítica são atravessados pela vontade de verdade, de domínio e de controle sobre a literatura.